

Dramaturgia e dramaturg em *Vida de Galileu*, de B. Brecht: caminhos da pesquisa teórica na construção da cena teatral contemporânea

Luiz Humberto Martins Arantes
UFU / FAPEMIG
Doutor
Professor e Pesquisador

Resumo: As obras literárias e artísticas, longe de qualquer determinismo, possuem uma intrínseca relação com o tempo, primeiramente com o tempo que as tornaram possíveis, depois com outra temporalidade, a noção de tempo interno, de tempo da narrativa; e ainda há uma outra noção temporal, a instância do leitor que apreende, que reelabora e ressignifica. Mas, no caso da dramaturgia, nota-se um outro componente, qual seja, o momento da ação teatral e de sua recepção. Esta idéia tem norteado o trabalho de análise dramaturgica da peça *Vida de Galileu*, de Bertolt Brecht. Escrita no final da década de 1930, em plena ascensão nazista, mas que lança um olhar à distante renascença italiana, por volta de 1610. Pensar um estudo ou mesmo uma montagem desse texto em pleno início do século XXI requer incluir também o tempo atual e as suas complexidades. Assim, o trabalho do dramaturgista requer esse olhar o tempo e fazer as conexões, historicizar a escrita de Brecht para que ela ainda continue nos falando de sua poética e de sua intrínseca crítica social. A busca de Galileu por uma ciência nova, que rompesse os limites do visível, contrasta hoje com uma ciência que anda a passos largos, seja na estrutura macroscópica seja na estrutura microscópica. Galileu nos levou ao universo em expansão, ao conhecimento da existência de bilhões de outras galáxias, mas também às estruturas mínimas, à decifração da estrutura do código genético e biomolecular. Ambas, tem nos colocados limites científicos e também éticos. Ler ou encenar esse texto nos tempos atuais requer considerar isto. Esta comunicação de pesquisa pretende expor de forma inicial e provisória, pois é uma pesquisa ainda em andamento, os caminhos e as opções do trabalho do dramaturgista diante desse texto de Brecht.

Palavras-chave: Dramaturgia, Ciência, Brecht

As obras literárias e artísticas, longe de qualquer determinismo, possuem uma intrínseca relação com o tempo, primeiramente com o tempo que as tornaram possíveis, depois com outra temporalidade, qual seja, a noção de tempo interno, de tempo da narrativa; e ainda há uma outra noção temporal, a instância do leitor que apreende, que reelabora e ressignifica. Mas, no caso da dramaturgia, nota-se um outro componente, qual seja, o momento da ação teatral e de sua recepção. Essa idéia tem norteado o trabalho de análise dramaturgica da peça *Vida de Galileu*, de Bertolt Brecht. Escrita no final da década de 1930, em plena ascensão nazista, mas que lança um olhar à distante renascença italiana, por volta de 1610.

Faz algum tempo que o trabalho de apoio dramaturgico, historicamente conhecido como dramaturgista, deixou de ser um simples acompanhamento de processo de montagem que faz, portanto, o percurso de ida e volta, entre biblioteca e sala de ensaio. Foi imbuído

dessa percepção que nos envolvemos no percurso de estudo e pesquisa da obra *Vida de Galileu*, de Bertolt Brecht¹.

Antes, porém, de qualquer imersão na narrativa proposta por Brecht há que se verificar o contexto próprio de escrita desse texto, suas motivações externas, que aqui consideramos tão importantes para o enredo que Brecht iria construir no final da década de 1930. Pois é justamente esse o contexto inicial que incentivou o dramaturgo alemão a começar a pensar a tematizar, em termos dramaturgicos, a vida dessa referência da ciência moderna: Galileu Galilei.

É de amplo conhecimento que a década de 1930 marca, no plano político, a ascensão do nacionalismo nazista na Alemanha. Claro que muito se argumenta que a subida de Hitler ao poder foi resultado de amplo apoio político, inclusive de considerável apoio da população alemã, por meio do voto e do apoio cotidiano às políticas hitleristas.

Assim sendo, não se pode desconsiderar que o texto de Brecht apresenta-se como interlocutor desse contexto, uma vez que traz para o enredo concepções de política, ciência e universidade que divergiam das plataformas políticas nazistas para essas áreas.

Outro componente contextual que merece ser salientado para as outras escrituras dessa peça, ao longo da década de 1940, é a viagem, ou exílio, de Brecht nos Estados Unidos da América. Será nesse país que Brecht tentará levar uma nova vida, procurando, inclusive, readaptar-se em termos de opções de conquista da sua subsistência e trabalho. Tarefa nada fácil, pois as dificuldades de inserir seus trabalhos de roteirista no ‘status quo’ hollywoodiano levaram Brecht a repensar também a estética e roteiro de *Vida de Galileu*. Pois foi em solo norte-americano que Brecht se viu frente às novas condições de produção de suas pesquisas e, além disso, teve de se confrontar com os patrulhamentos impostos pelo macarthismo, isto é, a ‘inquisição’ contemporânea também estava dada.

Essas duas circunstâncias contextuais – alemã e norte-americana – são chaves importantes para decifrar a trama composta por Brecht nesse texto que nos remete à renascença italiana de 1570 em diante.

A Renascença é, historicamente, um período bastante revisitado, e em termos artísticos a pintura de Michelangelo tornou-se obra ícone do período. O teatro shakespeariano traz os ventos da renovação daquele tempo, que já sopravam do outro lado do Canal da Mancha. Mas, na Itália, a presença do Vaticano impunha-se como uma força de poder sobre as províncias –

¹ Este texto faz parte de um amplo projeto de pesquisa intitulado *Teatro e ciência: Vida de Galileu*, desenvolvido no curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia, conta com apoio da FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais), coordenado juntamente com a Profa. Fátima Antunes Silva. Outros detalhes podem ser acessados em www.teatroeciencia.blogspot.com.

fragmentação que lembra as antigas cidades estados que o mundo grego herdou ao ocidente – as quais tentavam contrabalancear as políticas públicas para as universidades que surgiam com o respeito às lógicas sagradas do catolicismo.

O Galileu ‘real’, que viveu de 1564 a 1642, foi um homem que tentou equilibrar-se, até quando pode, entre estes dois mundos: cientista, pesquisador e funcionário de importantes universidades, mas também católico devoto de sua fé. Mas nem tão obediente assim às diretrizes aristotélicas para a ciência e para a astronomia que a Igreja Católica defendia como válidas.

E foi por passar a desconfiar do modelo ptolomaico e da filosofia aristotélica que Galileu começou a despertar a desconfiança das elites episcopais do período. Seu livro *Diálogos* foi considerado pelo Papa Urbano VIII como um insulto às concepções de ciência e astronomia entendidas pela Igreja como corretas. Chamado pela Inquisição, foi pressionado a rever suas idéias revolucionárias para o período., conseqüentemente teve que abjurar.

Em meados do século XX, o alemão Bertolt Brecht viu nessa história de vida um interessante roteiro teatral, não tão exatamente tal como ela aconteceu, pois se passaram muitos anos, séculos, e os filtros do tempo permitem que se lance outros olhares sobre os fatos e as vidas do passado, e com Brecht também foi assim.

O Galileu de Brecht é antes de tudo um homem demasiadamente humano. Um homem que come e que se veste em cena, que fala alto, portanto, cheio de idiossincrasias. Também está ali presente o Galileu cientista, curioso e pleno, seja na busca pelo conhecimento novo e seja por viver a vida e seus prazeres. Esta é uma das grandes particularidades do Galileu de Brecht: um personagem complexo, carregado de virtudes e vícios.

Em nosso processo de pesquisa não se tem esquecido os impactos que a peça de Brecht já provocou ao longo de quase sete décadas de escrita e divulgação. Nesse sentido, uma pesquisa visual acerca de outras montagens tem sido muito importante. Surgiu assim, a clássica encenação de Giorgio Strehler com o Piccolo Teatro de Milão, as quais podem ser acessadas em

<http://archivio.piccoloteatro.org/eurolab/index.php?IDspettacolo=134&provenienza=1>. De crucial importância foram também as imagens e depoimentos do *Teatro Oficina* e a montagem dirigida por José Celso Martinez Corrêa de 1968, disponível em http://www.ifch.unicamp.br/ael/teatroficina/index.php?num_galeria=16#2. Não se pode esquecer também do filme dirigido Joseph Losey a partir do texto de Brecht, em 1974, que possui trechos acessíveis no site youtube.com.

Mas pensar um estudo ou mesmo uma montagem desse texto em pleno início do século XXI demanda incluir também o tempo atual e as suas complexidades. Assim, o trabalho do dramaturgista requer esse olhar o tempo e fazer as conexões, historicizar a escrita de Brecht para que ela ainda continue nos falando de sua poética e de sua intrínseca crítica social. A busca de Galileu por uma ciência nova, que rompesse os limites do visível, contrasta hoje com uma ciência que anda a passos largos, seja na estrutura macroscópica seja na estrutura microscópica. Galileu nos levou ao universo em expansão, ao conhecimento da existência de bilhões de outras galáxias, mas também às estruturas mínimas, à decifração da estrutura do código genético e biomolecular. Ambas têm nos colocados limites científicos e também éticos. Ler ou encenar este texto nos tempos atuais requer considerar isso. Este texto, resultado dos primeiros passos de uma pesquisa em andamento, pretende expô-la de forma inicial e provisória, os caminhos e as opções do trabalho com a dramaturgia de Bertolt Brecht.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORNHEIM, Gerd. *Brecht - a estética do teatro*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- BRECHT, Bertolt. *Teatro Completo*. Vol 6. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- BRECHT, Bertolt. *Estudos sobre Teatro*. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 2005.
- CARLSON, M. *Teorias do Teatro*. São Paulo: Unesp, 1997.
- DORT, Bernard. *O Teatro e sua Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- HELLMAN, Hal. *Grandes Debates da Ciência*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.
- NEVES, João das. *A Análise do Texto Teatral*. R. de Janeiro: Min.Cultura/INACEM, 1987.
- KOUDELLA, Ingrid. *Brecht na pós-modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- PALLOTTINI, Renata. *A Construção do Personagem*. São Paulo: Ática, 1989.
- PALMA, Carlos. O teatro da ciência. In: *Revista Galileu*. São Paulo, Edição 186, Já.2007.
- PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- RAMOS, Luis Fernando. *O Parto de Godot e outras Encenações Imaginárias - a rubrica como poética da cena*. São Paulo: Hucitec/Fapesp. 1999.
- ROSENFELD, Anatol. *O mito e o herói no moderno teatro brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

ROSENFELD, Anatol. *O Teatro Épico*. São Paulo, Buri, 1965.

ROUBINE, Jean-Jacques. *A Linguagem da Encenação Teatral*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

SARTINGEN, Kathrin. *Brecht no Teatro Brasileiro*. São Paulo: Hucitec, 1998.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, Recepção, Leitura*. São Paulo: Educ, 2000.